

A TERRA E AS CARAÍBAS¹

Nilson Jaime

Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (ICEBE)
Sociedade Goiana de História da Agricultura (SGHA)
Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG)

“Ah, se essa caraíba falasse!”

Diria Rosa, fosse viva, em sua sabedoria sabida e matuta,
indesde que, mocinha em flor, saíra da roça e fora servir
na casa do menino Bernardo e seus pais – Erico e Marieta –
margem direita do Corumbá.

Fora Rosa – moça sertaneja valente, respondona,
palpitenta, teimosa, enxerida, analfabeta,
mas que sabia tudo sobre tudo – quem introduzira Bernardo
no mundo surreal dos seres míticos do sertão.

Fora Rosa – suas estórias contadas com
os olhos arregalados e a voz exagerada e afetada – quem instilara
no cachopo Bernardo o gosto pela ficção,
e sua principal ligação com o universo coloquial do sertão.

Mas hoje quem suspira – olhando o verde faiscante
das folhas compostas digitadas,
folíolos subsésseis-pecioululados, no calor do verão;
ou o galhario desfolhado da árvore decídua e heliófita
no inverno cerratense,
parecendo que enfezou e amorreu;
ou a aurífera florescência vivente com flores zigomorfas;
cálice tubuloso, irregularmente lobado e corola amarela,
que faz doer os olhos, quando agosto do desgosto chega –,
é Maria Carmelita,
segunda esposa e amor outonal
do imortal de Corumbá de Goiás.

A escritora e artista plástica Maria Carmelita Fleury Curado
– prima de Bernardo Élis –,

¹ Prosa poética recitada pelo autor em 20/03/2020 na sede do ICEBE, durante a cerimônia de fundação desta instituição.

casou-se e viveu ao seu lado os últimos 16 anos de vida do bardo do sertão.

Nos ermos do Jardim América,
o casal construiu ninho de felicidade,
em terreno adquirido pela ex-freira
quando ainda morava no convento.
Da porta do chalé, em estilo suíço,
o hexagenário escritor,
dezoito anos mais velho que sua consorte,
levantava os olhos e via chão a perder de vista.
O sertão cerrado sendo invadido pela cidade menina
que se achegava a cada dia.

Dava pra assuntar o morro da Serrinha ao Sul
e o Mendanha a Oeste,
com sua vegetação exuberante.
Invadindo as ruas de terra recém-abertas,
capoeiras de douradilha do campo,
alecrins dourados, flores de jacintos,
capim barba de bode, lobeiras, baru
e até um pé de araticum.

Nos amanheceres molhados
e nos entardeceres chuvosos,
miríades de tanajuras, bitus e aleluias
prenunciavam a estiagem em nuvens prateadas,
fazendo a alegria dos bem-te-vis,
anus brancos e anus pretos.
Quero-queros implicavam com os raros passantes.

A noite chegava em lusco-fusco,
iluminada por vaga-lumes e pirilampos,
ofuscados pela luz amarela de Cachoeira Dourada,
enquanto sapos e rãs coaxavam,
nos brejos e veredas do Vaca Brava.

Um casal de araras grasnava
no oco dos buritis brejo abaixo.
Curiangos, corujas e rasga-mortalhas,
aves agourentas,
anunciavam em rasque-rasque a hora de dormir.

O casal de primos –
descendentes longínquos de “Fradinho” e “Mãe Grande”;
dos Bartolomeu Bueno, Anhangueras, pai e filho;
de João Ramalho e Bartira;
de Piqueroby e Tibiriçá –
intentou plantar árvore em celebração ao amor florescente.

“Tem que ser madeira forte e florescer com viço”.
O ipê-amarelo, árvore símbolo do Brasil,
foi preferência de Bernardo.
Dizer do zoto é árvore símbolo de Goiás, mas qual o quê.
Bernardo sabia pelo amigo sertanista Leolídio
que o pau-papel da Serra Dourada é que é.
O escritor nunca falava Ipê, mas caraíba.
Caraíba é nome arrumado dos índios,
na língua deles “homem sabido”.
A muda da árvore, chegada em lata de querosene perfurada ao fundo,
para não ajuntar água e encharcar a raiz,
veio com recomendação expressa:
“tem que plantar na lua cheia de dezembro ou janeiro,
pra mó de dar sustança e viço nas folhas”.

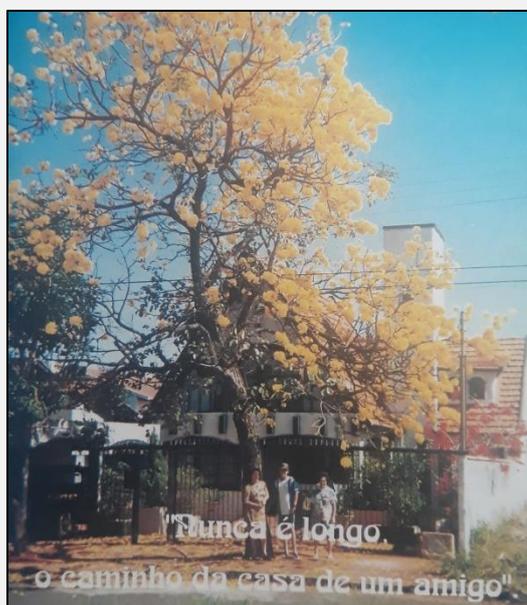


Foto 1. A árvore caraíba, plantada pelo Caraíba Bernardo Élis em frente à sua residência.
Acervo. Icebe.

“A caraíba é planta da família Bignoniácea.
O gênero *Tabebuia* a que pertence, possui mais de 60 espécies”,
ensina o professor Rizzo.

Árvore farturenta, pau pra toda obra,
serviria a cabo da enxada que negaram a Supriano.
Ou fazer caixão do moribundo, quase defuntento de Liduvino,
do *Veranico de Janeiro*.
Ou engenhar pinguela ou canoa
para *Nhola dos Anjos* nas cheias do Corumbá.
Cruz para os desgraçados n' *O Tronco*.
“Pau de dar em doido” – ou forca –
para a jagunçada excomungenta do Duro,
que fez tanta mardade.
Ou instrumento musical para o sujeitinho metido a rabequista.

Por acá no comércio, e por alá no sertão, é chamada
“para-tudo-do-campo”; “para-tudo-do-cerrado”;
“pau-d’arco”; “caraibeira”; “carnaúba-do-campo”;
“caroba-do-campo”; “carobeira”; “carobinha”;
“cinco-em-rama”; “cinco-folhas-do-campo”; “claraíba”;
“ipê-do-cerrado”; “ipê-do-campo”; “ipê-amarelo-paulista”;
“aipé”; “ipê-amarelo-cascudo”;
e um sem número de nomes nesse sertão de meu Deus
que só Rosa saberia dizer.
Se não soubesse, inventava.
Um botânico diz se chamar *Tabebuia aurea* (Mart.) Bur.,
ou *Tabebuia caraiba* (Mart.) Bur.,
que é a mesma coisa.
“Um entendido ficou de assuntá as flor
pra mode saber melhor”.

Belo dia no mês de agosto,
a árvore desfolhada e sequilenta,
apareceram as primeiras flores,
o sexo das plantas: cálice, corola, estames, anteras, ovário.
Amarelo de dar gosto, parecia oiro.
Uma abóboda aurífera de afrontar as vistas,
encantando os passantes e os convivas no chalé do feliz casal.
Ano a ano a árvore foi crescendo, até se tornar adulta –
noiva coroada de amarelo-ouro.

“Ah, se essa caraíba falasse!”.
Quanta prosa!
Quanta poesia!
Quanta proesia!
Quantos projetos e sonhos feitos e desfeitos.

Sob sua copa florescente,
pisando corolas amarelas coalescentes ao chão,
caíram e coroaram-se reis.
Fizeram-se imortais da AGL.
Carmo recitou sua *Jurubatuba*,
Ely o seu *Pium*
e a prima Rosarita os *Elos da mesma corrente*.
Miguel Jorge sorveu *Veias e Vinhos*
para não subir *Nos ombros do Cão*.
Com os irmãos Jesus e Joaquim Jayme
fizeram revoluções.

Sob a copa primavera ou outonal da caraibeira,
poetou com Gilberto
polemizou com o mano José Mendonça Teles e com Siron.
Sonhou como Brasigóis, Coelho Vaz, Kleber Adorno, PX e Aidenor.
Viu nascer Bira Galli, Luiz de Aquino, Paulo Bertran, Edival,
Abílio Wolney, Maria de Fátima e Lêda Selma.
Sofreu as dores da ditadura com Horieste e Euriquinho.
Posou para Confaloni, Amaury, José Asmar, DJ, Iza Costa,
Octo marques, Gomes de Souza e Maria Carmelita.
Filosofou com Jávier Godinho, Licínio,
Ursulino e Jerônimo Geraldo de Queiroz.
Politicou com Hélio de Britto e José Luís Bittencourt.
Tomou lições de natureza com Carmo, Altair Sales e José Hidasio



Foto 2. Gilberto Mendonça Teles, Bernardo Élis, Afonso Félix de Sousa e José J. Veiga. **Acervo.** Icebe.

Chá com Amália, Nelly Alves e Ana Braga.
Dois dedos de prosa viravam
duzentas braças de conversa

com José Fernandes e Modesto Gomes.
Descobriu-se expressionista com Emílio Vieira.
Sob a chuva prateada de flores decíduas,
discutiu dez novos colóquios
com Bariani e Carmo, caraíbas como ele.

“Ah, se essa caraíba falasse!”.

Mil amigos por ali se despediram:
Alaor, Antônio Moura, Augustinha, Delermundo e Targino;
Hélio e Reinaldo Rocha;
Martiniano, Hamilton Carneiro e Moema;
Leôncio, Catelan e Mário;
Paulo Araújo, Olavo Tormim, Taylor Oriente
e uma constelação de astros de variados quilates
da cultura goiana.

Foi sob a copa da caraibeira,
com o jovem Euler Belém,
que desatou o nó górdio
da Fundação de Cultura
no Dia do Não-Fico:
quebrou o cálice de fel e cicuta,
rompeu os grilhões da burocracia.

Foi à sombra da caraibeira que Goiás ficou
mais imortal
com Austregésilo de Athayde,
Alceu Amoroso Lima,
José Olympio,
Luís Jardim,
Jorge Amado
e Arnaldo Niskier.

O mais frequente de todos os amigos –
Leolídio Di Ramos Caiado -
visitou Bernardo diariamente,
no ocaso da vida do imortal.
As frequentes despedidas
testemunhadas pela árvore caraíba
foram se escasseando...
até desaparecer,
quando o velho Caraíba se foi.

Foi debaixo da icônica caraibeira que se deu
o juramento de uma vida:
“Maria, promete que não vende essa casa?”.
“Que isso, meu amor! Você será imortalizado nela!”.

Bem vindos à Casa Bernardo, sede do Icebe!
Aqui se pensa e se estuda Goiás,
sua cultura e os povos do Cerrado.
Uma casa de caraíbas - a árvore e o escritor.
Salve Bernardo Élis!

SOBRE O AUTOR

Nilson Jaime

Mestre e doutor em Agronomia, é Superintendente de Fomento e Incentivo à Cultura da Secretaria de Estado de Cultura de Goiás, vice-presidente do Instituto Bernardo Élis (ICEBE), presidente da Sociedade Goiana de História da Agricultura (SGHA), presidente da Academia Palmeirense de Letras, Artes, Música e Ciências (Aplamc) e membro das academias de letras de Pirenópolis (Aplam), Goiânia (AGnL) e do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG).